

INSTITUTO SANTO TOMÁS DE AQUINO
Centro de Estudos Filosóficos e Teológicos dos Religiosos

Sebastião Bertoldo Tigre Filho

**A ALIENAÇÃO DO TRABALHO, SEGUNDO A PERSPECTIVA FILOSÓFICA DE
KARL MARX**

Belo Horizonte

2013

Sebastião Bertoldo Tigre Filho

**A ALIENAÇÃO DO TRABALHO, SEGUNDO A PERSPECTIVA FILOSÓFICA DE
KARL MARX**

Monografia apresentada ao curso de Filosofia do Instituto Santo Tomás de Aquino – ISTA, como requisito parcial para à obtenção do título de licenciado em filosofia.

Orientadora: Rita de Cássia Cypriano Valladares

Belo Horizonte

2013

Sebastião Bertoldo Tigre Filho

ALIENAÇÃO DO TRABALHO A PARTIR DA FILOSOFIA DE KARL MARX

Monografia apresentada ao curso de Filosofia do Instituto Santo Tomás de Aquino – ISTA como requisito parcial para à obtenção do título de licenciado em filosofia.

Rita de Cássia Cypriano Valladares (Orientadora)

Belo Horizonte, 30 novembro de 2013.

Dedico este trabalho a Deus, a minha mãe Terezinha e meu saudoso pai Sebastião (in memoriam), as minhas queridas irmãs Simony e Rosângela, a minha amada sobrinha Sofia. E a todos meus amigos que contribuíram para a sua realização.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Pequena Obra da Divina Providência, por ter me proporcionado esses três anos de estudos filosóficos.

À equipe de formação do Teológico e Filosófico Dom Orione, por ter fomentado em mim a responsabilidade nos estudos.

A minha família, por ter me dados princípios morais que me deram forças para superar as adversidades desses três anos.

A minha orientadora, a querida professora Rita de Cássia, que com a sua sabedoria iluminou a construção desse trabalho.

À Iaramar Sampaio, por ter sido tão solícita em ajudar na normalização desse trabalho.

Aos clérigos Marcelo de Menech e Geraldo Magela, pela ajuda prestada e pelos esclarecimentos.

Aos clérigos Josimar Felipe e Luis Vieira, meus companheiros de estudos e amigos de caminhada.

A todos os amigos e benfeitores do Teológico e Filosófico Dom Orione, pelas orações e pelo apoio financeiro.

A todos os amigos que conquistei nessa cidade maravilhosa, que me proporcionaram momentos inesquecíveis nesses três anos.

*A paixão do momento não vale o inferno de
uma vida toda. (Rubem Alves)*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 VIDA E OBRA.....	10
3 ALIENAÇÃO DO TRABALHO.....	15
3.1 ALIENAÇÃO PERANTE A COISA.....	16
3.2 ALIENAÇÃO PERANTE SI MESMO.....	17
3.3 ALIENAÇÃO PERANTE O OUTRO.....	
4 DESALIENAÇÃO.....	21
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS.....	27

1 INTRODUÇÃO

A alienação é uma palavra bastante usada no dito popular. Este trabalho procurará mostrar como Karl Marx entendia este fenômeno. Nesse sentido, será possível verificar uma diferença considerável entre o emprego do termo no senso comum e no senso crítico, ou seja, no sentido filosófico.

Karl Marx entendia que alienação é a palavra que indica um estado em que o homem se encontra desprovido dos seus direitos de trabalhador. Este fenômeno, é claro, se dá no processo de trabalho e se estende para todas as esferas da vida do trabalhador.

Porém, antes de debruçar-se sobre este dilema filosófico, no primeiro capítulo, será apresentado um pequeno resumo da vida de Marx, visto que, conhecendo um pouco da sua vida será possível entender melhor seu pensamento, pois ele construiu sua Filosofia dentro da História e não paralelo à ela. Nesse pequeno resumo será mostrado que ele sofreu os efeitos da pobreza, pois estava na Inglaterra em plena Revolução Industrial.

Além de sofrer, ele viu a exploração dos trabalhadores assalariados que viviam em condições sub-humanas nas fábricas, com seus direitos roubados e sendo privados dos recursos básicos de sobrevivência, pois o proletariado vivia como escravo da burguesia. Por isso, este assunto será o tema do segundo capítulo.

Mas, este trabalho não tratará apenas do problema da alienação, será analisado também, no terceiro capítulo, a desalienação, ou seja, a solução que o augusto filósofo encontrou para esse dilema, que no caso seria o comunismo.

Porém, o comunismo é o ponto final de um processo que começa já quando o trabalhador assalariado passa a tomar consciência da opressão que lhe assola, passando a fazer parte da revolução, ao ser inserido em algum partido de trabalhadores.

É pela revolução que o trabalhador conseguirá tomar o poder e, assim, reaver tudo aquilo que lhe foi furtado durante toda a história. Todavia, ressalta-se que, quando Marx falava em revolução ele não estava falando em um simples protesto ou reivindicação, mas em revolução armada, revolução que levaria até as últimas consequências os protestos dos trabalhadores assalariados.

Depois que os trabalhadores conseguissem tomar o poder, eles preparariam a sociedade para o comunismo. O comunismo foi o maior sonho de Marx, pois no estado de comunismo não haveria mais diferença entre as pessoas, nem opressão de uma classe sobre outra.

O homem, assim, seria livre para viver, para criar seu próprio mundo, sem precisar imitar ninguém. A história, dessa maneira passaria a ser escrita de outra forma. Seria escrita pelos construtores reais de cada nação, ou seja, pelos trabalhadores livres e desalienados.

2 VIDA E OBRA

Pode-se afirmar que Karl Marx figura entre os maiores pensadores de toda a história ocidental, devido a sua percepção da realidade. Foi mais que revolucionário, foi um visionário, que até hoje é estudado e admirado pelas diversas áreas do saber. Para a História é considerado um historiador; para a Economia, um economista; para a Filosofia, um filósofo. Desde jovem era visto com admiração pelos seus amigos.

Já na sua juventude Marx era comparado a Prometeu, que, segundo, a mitologia antiga, deu aos homens o conhecimento, os iniciou nos ofícios e lhes deu o fogo para livrá-los da fome, do frio e das trevas. Prometeu encarnava o gênio criador da humanidade, a vontade indomável de lutar pelo progresso, pela liberdade e pela felicidade. Tendo descoberto as leis do desenvolvimento da sociedade, Marx foi o primeiro a indicar aos trabalhadores as vias reais e os meios para se libertarem da opressão social, para criarem condições de vida verdadeiramente humanas, para o bem-estar e o livre desenvolvimento de todas as faculdades físicas e intelectuais de cada homem. (MARX, 1983, p. 5-6).

A primeira obra de Marx foi *A Miséria da Filosofia*. Esta ocupa um lugar de destaque, pois é nela que ele vai mostrar, pela primeira vez, a sua visão de mundo e sua concepção materialista da história. Além dessa obra, ele ainda escreveu algumas outras, tais como *O Capital* que é a sua obra mais conhecida, que depois foi continuada pelo seu amigo e companheiro de luta Friedrich Engels, que editou e publicou o segundo e o terceiro volumes, que completariam sua obra.

As teorias sociais antes dele foram, em geral, fruto do pensamento das classes dominantes. Assim sendo, buscaram retirar o papel de protagonista da história da classe menos favorecida, transformando-a em mera coadjuvante. Essa é a grande contribuição de Marx, pois é a partir dessa constatação que ele cunha o conceito de alienação¹, que será o tema desse trabalho. Mas, antes disso, faz-se necessário conhecer um pouco de sua história.

Karl Heinrich Marx nasceu na cidade de Trêves, na Renânia, então província da Prússia, em cinco de maio de 1818. Primeiro dos meninos, entre os nove filhos de uma família judaico-alemã, foi batizado numa igreja protestante, da qual o pai, advogado bem sucedido, se tornara membro, provavelmente para garantir

¹ Marx entende por alienação o processo que torna o homem alheio ao produto do seu trabalho. MORA, José Ferrater. **Dicionário de filosofia: (A - D)**. São Paulo: Loyola, 2001. v.1. p. 83.

respeitabilidade social. Sua mãe também descendia de uma família judia, mas em momento algum de sua vida interessou-se em exercer influência doutrinária sobre seu filho.

Os pais de Marx constituíam um casal harmonioso. Hirschel, seu pai, era advogado e conselheiro de justiça. Sua mãe, Enriqueta, não influenciou na formação de sua personalidade. Marx foi um excelente aluno. Completou o ensino secundário aprovado com êxito no exame de maturidade. Marx começa a manifestar um agudo sentido de justiça e uma ampla visão acerca da humanidade.

Termina o curso secundário em 1835. Em 1836, começou o curso de Direito, Mitologia Clássica e História da Arte, na Universidade de Bonn. De volta à Trèves, nas férias, conhece uma amiga de sua irmã Sofia, que se tornaria sua futura esposa, Jenny Von Westphalen.

Jenny, inteligente, educada, considerada a mais bela rapariga de Trier e a rainha dos bailes – alguns anos mais tarde, Marx escrevia-lhe de Trier: É diabolicamente agradável para um homem quando a sua mulher continua a viver na fantasia de toda uma cidade como ‘princesa encantada’ –, decidiu, sem hesitações, ligar a sua sorte à de um jovem estudante pertencente a uma família que não era nem rica nem pobre, rejeitando as vantajosas propostas dos pretendentes do seu próprio meio. (MARX, 1983, p. 21- 22).

Esse amor, não se realizou de maneira fácil, devido ao fato das famílias serem de níveis sociais diferentes. Marx enfrentou, assim, algumas barreiras:

Durante certo tempo, o namoro de Marx e Jenny foi mantido secreto, por temor de que os pais de Jenny se opusessem ao casamento. Antes de obter o direito de casar com o homem que amava, Jenny teve que travar uma luta prolongada e penosa com a família. Namoraram durante sete anos até, se tornar, enfim, possível o casamento. (MARX, 1983, p.22-23).

Marx, freqüentando o Círculo de Poetas, reconhece que sua poesia não tinha valor artístico. Assim sendo, começa a ter contato com obras de Hegel, seu antigo professor da Universidade, além de Spinoza, Kant, Aristóteles e Epicuro.

Marx logo se opõe ao sistema de Hegel, que justifica a ordem social e política existente, como resultado necessário da marcha do espírito absoluto através da história. Ao contrário do que alguns dizem, a relação de Marx e Hegel não foi marcada por uma revolta do discípulo contra o mestre.

Marx começa por ser um hegeliano de esquerda, aceitando a filosofia dialética hegeliana, mais invertendo os termos dessa dialética. Ao idealismo

hegeliano, contrapõe o materialismo dialético. Ao idealismo histórico, opõe o materialismo histórico. Enquanto Hegel via na burguesia prussiana o sentido culminante da história, Marx olhava para o proletariado industrial nascente como o portador do futuro. (MARQUES, 2000, p.132).

Passando a defender algumas idéias igualitárias, Marx passa a sofrer perseguições do regime de Frederico. Em 1841, pensava em candidatar-se a um lugar de professor universitário em Bonn. Não podendo expressar suas idéias na Universidade, resolve apresentá-las nos jornais. Seu primeiro artigo, que versava sobre a censura à imprensa, foi censurado. Com isso, passou a enviar seus textos para o jornal liberal “A Gazeta Renana”. Obteve grande sucesso e assumiu a direção do jornal, na cidade de Colônia.

Depois de Marx ter assumido a direção do jornal, este começou a adquirir um caráter cada vez mais acentuadamente democrático-revolucionário, tendo se tornado progressivamente mais virulenta a crítica ao absolutismo prussiano e aos seus defensores ideológicos. Esta primeira escola de trabalho prático permitiu a revelação de diversas facetas do talento de Marx, que se manifestaram tanto no seu trabalho de autor como na chefia da redação: as suas capacidades de organizador, a sua perspicácia na escolha dos colaboradores do jornal, a sua intensa capacidade de trabalho e os seus dotes de escritor. (MARX, 1983, p. 36).

Em 1844, Marx, publica o primeiro caderno duplo – “Anais-Franco-Alemães”. Foi muito perseguido pela Prússia e os Estados Alemães, que mobilizaram o seu aparelho policial contra a revista. Mudando para Paris, viu a miséria imensa das massas proletárias e se envolve no movimento dos operários franceses. Reencontra aquele que seria seu maior amigo: Friedrich Engels. Na capital francesa, passa por necessidades, tendo em vista sua baixa remuneração recebida pelo trabalho na revista Vorwats, um jornal progressista em língua alemã, editado em Paris.

Marx, em Paris, percorre os lugares históricos da Revolução Francesa, sentindo uma impressão muito forte e intensa. Passa, então, a ler os historiadores franceses. Descobriu, assim, a luta de classes que a burguesia realizou contra a nobreza. Vê que a filosofia das luzes não ocasionara, por si só, a revolução, e que antes, acompanhara e estimulara o movimento objetivo da luta entre as classes.

Em 1848, Marx continua a ocupar-se da política, participando da recém fundada Liga dos Comunistas, uma organização internacional, entre outros agrupamentos, que aglutinavam os operários. Foi para o Segundo Congresso da Liga que Marx e Engels preparam o célebre Manifesto Comunista, trazendo uma

análise da luta de classes e que termina convocando os operários do mundo inteiro à união.

Muitos operários que tiveram a oportunidade de ver Marx nas sessões do congresso, nas reuniões da Associação Cultural dos Operários Alemães de Londres, nos comícios ou em privado, reconheceram nele não só um sábio genial, de uma erudição prodigiosa, mas também e acima de tudo um chefe inflexível da classe operária, capaz de a guiar através de todas as tempestades. (MARX, 1983, p.164).

Marx, ao debruçar-se sobre as questões relativas à maior causa da alienação da humanidade, produz parte de uma profunda crítica contra o capitalismo. Passa a dedicar-se, inteiramente, às atividades que procuravam melhorar as condições de vida dos trabalhadores. Criticou, assim, os comunistas essencialmente teóricos, e defendeu a ação, o comunismo concreto.

Marques (2000, p. 131) ressalta que Marx deixou além de o “Capital”, publicado em 1867 um número considerável de ensaios e tratados sobre História, Política e Sociologia, destacando: Os Manuscritos Econômico-filosóficos; Manifesto do Partido Comunista; Contribuindo para a Crítica da Economia política; Miséria da Filosofia; A Ideologia Alemã; Crítica da Filosofia do Direito de Hegel; A Guerra Civil na França e a crítica do Programa de Gotha.

Em 1864, criou a Associação Internacional dos Trabalhadores, em Londres. Com aprovação do Comitê geral, Marx obtém consentimento para a publicação dos textos que redigiu. Nos estatutos, indica o objetivo da Associação, da qual se tornou dirigente principal. Numa carta a Bolts, Marx comenta:

A Internacional foi fundada para substituir as seitas socialistas ou semi-socialistas por uma organização efetiva da classe operária que a levasse à luta. Os estatutos primitivos, assim como a alocução inaugural, mostram-se desde o primeiro instante. Além disso, a Internacional não poderia afirmar-se se a marcha da História já não tivesse despedaçado o regime das seitas. O desenvolvimento das seitas socialistas e o movimento operário real mantêm uma relação inversa constante. Enquanto tais seitas se justificam, a classe operária não está madura para o movimento autônomo. Tão logo atinja essa maturidade, todas as seitas se tornam relacionárias por essência. No entanto, na história da Internacional, repete-se o que a história mostra em toda a parte. E a história da Internacional foi uma luta continua no Conselho geral contra essas seitas e tentativas amadorísticas que, no quadro da Internacional, procuravam se afirmar contra o movimento real da classe operária. (GIANNOTTI, 1978, p. 19-20).

Os últimos dez anos da vida de Marx foram marcados pela deterioração de seu estado de saúde. Sofria distúrbios hepáticos há mais de 20 anos e era vítima de violentas e insistentes dores de cabeça que o levavam à insônia. Em 1881, é um

doente condenado pela medicina da época. Não consegue se dedicar muito à redação dos livros II e III do *Capital*. Passa apenas a ler, tomando notas para Engels.

No dia 14 de março de 1883, Karl Marx falecia de tuberculose, na mesa de seu escritório, enquanto morava num casebre. Foi sepultado no cemitério de Highgate, em Londres, no setor reservados às pessoas banidas e rejeitadas pela igreja anglicana. Após a morte de Marx, Engels pôs-se a completar e divulgar o trabalho do amigo pelo mundo.

Com o decorrer dos anos, as teses de Marx converteram-se no *marxismo*², um movimento social com características próprias. Ganhou efetividade, porém perdeu sua virulência teórica. Seus desdobramentos mais importantes dificilmente ultrapassaram o campo da Economia e do pensamento político; suas possíveis inovações, além do mais, foram cerceadas pelo Estalinismo.

Só depois da II Guerra Mundial, o marxismo começou a perder seu caráter de seita monolítica, de doutrina que não pode ser questionada, para reaparecer, no jogo das doutrinas, como um pensamento vivo.

De todos os assuntos que Marx trata em suas obras, pretendemos nos aprofundar na questão da alienação, especificamente, da alienação do trabalho. Este constituirá o objeto de estudo do segundo capítulo.

² Grupo de doutrinas filosóficas, sociais, econômicas, políticas que busca interpretar as ideias de Marx tendendo à sua sistematização. MORA, José Ferrater. **Dicionário de filosofia: (A - D)**. São Paulo: Loyola, 2001. v.1. p. 1879.

3 ALIENAÇÃO DO TRABALHO

O homem é fruto do seu tempo, constrói e é construído pelo meio no qual está inserido. Sua opinião, seus preceitos e princípios são forjados pela sociedade em que ele vive. Essa afirmação filosófica e sociológica ajuda a entender melhor por que Karl Marx erigiu o seu pensamento sobre a égide da alienação do trabalho. Mesmo ele não sendo do proletariado, sentiu na pele as agruras da pobreza e da necessidade material. Sua família toda sofreu por causa da sua escolha em ajudar os trabalhadores.

A família de Marx viveu em difíceis condições de alojamento. Durante um longuíssimo período, Marx não pode alugar uma casa minimamente aceitável. Do Outono de 1849 a Abril de 1850, a família Marx viveu num pequeno apartamento no sudeste de Londres, em Chelsea, no nº 4 da Andersom Street. Foi aí que, em 5 de Novembro de 1849, nasceu o seu quarto filho, um rapaz, Heinrich Guido. Mas foi necessário abandonar aquela casa pois a proprietária tinha rescindido unilateralmente o contrato e exigido o pagamento de uma dívida antes do prazo; a partida fez-se em circunstâncias verdadeiramente trágicas. Numa carta datada de 20 de Maio de 1850, Jenny Marx escrevia a Joseph Weydemeyer: dois oficiais de diligências entraram em casa e confiscaram todos os meus pequenos haveres: camas, roupas brancas, fatos, tudo, mesmo o berço do meu pobre filho, os melhores brinquedos das raparigas, que se desfaziam em lágrimas. Ameaçaram levar tudo em duas horas – fiquei então no chão com os meus filhos enregelados, o meu peito dorido. (MARX, 1983, p. 293-294).

Ele estava na Inglaterra na época da revolução industrial e foi testemunha ocular dos sofrimentos que as indústrias capitalistas, com seu modo de produção em série, causaram aos trabalhadores.

Nesse ambiente, o trabalhador executava sua função sob péssimas condições de segurança e até mesmo de higiene, na qual mulheres e crianças trabalhavam. Não existia, praticamente, direito trabalhista e o salário não dava condições nem de suprir às necessidades básicas de sobrevivência. Nos arredores das fábricas havia prostituição e muita desordem.

Os trabalhadores, submetidos a esta nova ordem, muito sofreram em busca de melhorias de vida que nunca chegavam, devido ao salário extremamente baixo. Acabavam, assim, realizando seus serviços pela própria subsistência, sob péssimas condições de trabalho, em jornadas extremamente longas – às vezes de 16 horas diárias – trabalhando até o limite das forças e, não raro, tidos por negligentes e insubordinados pelos seus empregadores, ainda que tal se desse pela exaustão física. Ademais, tiveram que aprender a trabalhar de maneira regular e ininterrupta, de forma que o trabalho rendesse. Além disso, utilizavam meios de produção que não lhes pertenciam e geravam excedentes que, da mesma forma, nunca iriam lhes

pertencer, com a única finalidade de produzir o lucro para os burgueses. Esses patrões os utilizariam para continuar a financiar a industrialização, ou seja, enriquecendo frente ao contínuo empobrecimento dos proletários, o que levava os segundos à insatisfação, muitas vezes ocasionando conflitos. Vemos assim que o proletário era alienado do trabalho, pois além de não saber qual era o fim da sua produção, não podia usufruir o produto que era destinado a outros. (CARMO, 2009).

Marx foi um verdadeiro visionário, pois percebeu nesse modo de produção um mal terrível para o ser humano: a alienação³.

Para Karl Marx, o conceito de alienação baseia-se na distinção entre existência e essência, no fato da existência do homem ficar alheada de sua essência. A alienação de Marx alude, nisto, ao princípio kantiano de o homem sempre dever ser um fim em si mesmo, e jamais um meio para um fim. Mas, ele amplia o princípio ao asseverar que a essência humana do homem nunca deve se converter em meio para a existência individual.

O processo de alienação manifesta-se no trabalho e na divisão do trabalho, pois para Marx o trabalho é o relacionamento ativo do homem com a natureza, a criação de um mundo novo, incluindo a criação do próprio homem.

Mas, com a expansão da propriedade privada e da divisão do trabalho, o trabalhador torna-se alienado do fruto do seu trabalho, ou seja, o bem que construiu. O trabalho e seus produtos assumem uma existência à parte do homem, de sua vontade e de seus planejamentos, conforme explicitaremos a seguir.

3.1 ALIENAÇÃO PERANTE A COISA

Nesse contexto, o homem então passa a estranhar o fruto do seu trabalho que ganha quase uma vida própria. A mãe de obra humana constitui-se como uma mercadoria na mão do empregador. Esse processo é chamado de *Fetichismo*, ou seja, é a personificação da coisa e a coisificação do homem, sendo assim, o homem vira uma mercadoria.

O trabalhador põe sua vida no objeto, porém, agora ela não lhe pertence, mas sim ao objeto. Quanto maior a sua atividade, mais o trabalhador se encontra objeto. O que se incorporou no objeto do seu trabalho já não é

³ Alienado, no entendimento popular é aquela pessoa que está fora da realidade, louca. No dicionário de português, alienado é aquele que passa para alguém o que lhe é de direito, é alguém sem autonomia.

seu. Assim, quanto maior é o produto, mas ele fica diminuído. A alienação do trabalho no seu produto significa não só que o trabalho se transforma em objeto assume uma existência externa, mas que existe independentemente, fora dele e a ele estranho, e se torna um poder autônomo em oposição a ele; que a vida que deu ao objeto se torna uma força hostil e antagônica. (MARX, 2006, p. 112).

Se o homem trabalhador é uma mercadoria, mais ou menos útil, o operário que não consegue a “graça” de aceitação de trabalho é mercadoria inútil.

Esta alienação reflete um paralelo contrastante entre o que é a atividade do operário, que dá a vida ao objeto e a sua própria agonia representada por uma deformação, pois o trabalho que deveria ser manifestação do homem, ao ser expropriado pelo sistema capitalista, converte-se em uma realidade hostil, ou como definiria Marx, estabelece-se um processo de alienação perante si e perante o outro. Fenômeno que passaremos a tratar.

3.2 ALIENAÇÃO PERANTE SI MESMO

O trabalhador então se torna dependente do objeto; primeiro, pelo fato de receber um objeto de trabalho, ou seja, de receber trabalho; segundo pelo fato de receber meios de subsistência. Sendo assim, o objeto habilita-o para existir, inicialmente, como trabalhador, depois, como sujeito físico. O ponto principal de tal servidão é que ele só pode manter-se como sujeito físico na condição de trabalhador e só é trabalhador na condição de sujeito físico.

O trabalhador, portanto, só se sente à vontade quando está de folga, ao passo que no trabalho se sente constrangido, pois vê sua vida revelada, dessa maneira, pelas leis da economia, conforme afirma Marx (2006):

Quanto mais o trabalhador produz, menos tem de consumir, quanto mais valores cria, mais sem valor e mais desprezível se torna; quanto mais refinado o seu produto, mais desfigurado o trabalhador, quanto mais civilizado o seu produto, mais desumano o trabalhador; quanto mais poderoso o trabalho, mais impotente se torna o trabalhador; quanto mais magnífico e pleno de inteligência o trabalho, mais o trabalhador diminui em inteligência e se torna escravo da natureza. (MARX, 2006, p.113).

Essa situação mesmo que não seja planejada pela economia, pelo menos é aceita por ela, pois, dessa maneira o trabalhador vira uma marionete nas mãos dos patrões e tudo que lhe é de direito é tirado sem que ele reaja.

O trabalhador, dessa maneira, vai se tornando cada vez mais miserável, alguém que é escravo de seu próprio trabalho, uma máquina feita de carne para produzir muito para o bem estar de poucos. A esse respeito, Marx (2006) ressalta:

É evidente, o trabalho produz coisas boas para os ricos, mas produz a escassez para o trabalhador. Produz palácios para os ricos, mas produz choupanas para o trabalhador. Produz beleza, mas deformidade para o trabalhador. Substitui o trabalho por máquinas, mas encaminha uma parte dos trabalhadores para um trabalho cruel e transforma os outros em máquinas. Produz inteligência, mas também produz estupidez e cretinice para os trabalhadores. (MARX, 2006, p.13).

Para Marx, o homem, nessa situação, não pode ser considerado homem, porque ele perde aquilo que o faz homem: a consciência do seu trabalho, que modifica a natureza e vai modificando-o, concomitantemente.

Nessa situação, tão deprimente, o homem não produz o seu próprio mundo, mas produz apenas mercadorias em série. Por isso mesmo, ele se iguala ao animal que age sem dar significado a sua ação. É a alienação do homem perante ele mesmo, ou seja, o homem se torna estranho a si próprio. Nesse sentido, Marx (2006) explica:

É exatamente na atuação sobre o mundo objetivo que o homem se manifesta como verdadeiro ser genérico. Esta produção é a sua vida genérica ativa. Por meio dela, a natureza nasce como a sua obra e a sua realidade. Em consequência, o elemento do trabalho é a objetivação da vida genérica do homem: ao não se produzir somente intelectualmente, como na consciência, mas ativamente, ele se duplica de modo real e percebe a sua própria imagem num modo por ele criado. Na medida em que o trabalho alienado tira do homem o elemento da sua produção, rouba-lhe do mesmo modo a sua vida genérica, a sua objetividade real como ser genérico, e transforma em desvantagem a sua vantagem sobre o animal, então lhe é arrebatada a natureza, o seu corpo orgânico. (MARX, 2006, p.117).

Tendo explicado a alienação perante si mesmo, busca-se compreender o processo de alienação do homem perante o outro, conforme se segue.

3.3 ALIENAÇÃO PERANTE O OUTRO

Depois que o trabalhador passa a estranhar o produto do seu trabalho (alienação da coisa) e estranha a si próprio (alienação de si mesmo), ele passa a estranhar o seu semelhante (alienação do outro). Nesse contexto, Marx (2006) afirma:

Quando o homem se contrapõe a si mesmo, entra do mesmo modo em oposição com os outros homens. O que se constata na relação do homem como o seu trabalho, com o produto do seu trabalho e com si mesmo, constata-se também com a relação do homem com os outros homens, bem como com o trabalho e com o objeto do trabalho dos outros homens. De forma geral, a afirmação de que o homem se encontra alienado da sua vida genérica significa que um homem está alienado dos outros, e que cada um dos outros se encontra alienado da vida humana. (MARX, 2006, p.118).

Isso porque o trabalhador, que está desencontrado consigo mesmo, se relaciona com os outros homens a partir dessa realidade e por isso passa a ver os outros homens como sendo também máquinas programadas para produzir. Máquinas que fazem parte da propriedade privada, elas não têm vida própria. Assim sendo, toda a produção é atribuída à propriedade privada. Se a ela são atribuídos todos os méritos do trabalho, a ela também é dado o direito de estabelecer o salário do trabalhador.

O trabalhador não aparece nessa relação como um fim em si mesmo, mas como um mero escravo do salário, essa talvez seja a contradição mais fácil de se enxergar nessa engrenagem da alienação do trabalho, pois, mostra porque o trabalhador não consegue sair deste estado: ele depende do salário para viver. O salário é a algema que prende o trabalhador ao seu patrão.

Observamos, do mesmo modo, que o salário e a propriedade privada são idênticos. Certamente, o salário, tal como o produto, ou o objeto do trabalho, o próprio trabalho remunerado, constitui apenas uma consequência necessária da alienação do trabalho. No sistema de salários, o trabalho aparece, não como um fim em si mesmo, mas como escravo do salário. (MARX, 2006, p.120).

É importante ressaltar, que a questão primária de Marx não é a igualização de renda, mas sim a libertação do homem de um gênero de trabalho destruidor de sua individualidade, que o converte em coisa e que o faz escravo das coisas.

Se faz necessário lembrar também que Marx admitiu que a alienação do trabalho existiu durante toda a história, ou seja, todas as sociedades tiveram um tipo de escravidão. Porém ela atinge o seu auge na sociedade capitalista com a divisão do trabalho e quando o homem passar a produzir em série.

Não seria exagero afirmar que a alienação do trabalho na produção humana é muito maior do que era quando a produção se baseava nos ofícios manuais e na manufatura, pois nos ofícios manuais e na manufatura, o trabalhador utiliza-se de uma ferramenta; na fábrica, a máquina utiliza-se dele. Lá, os movimentos do

instrumento de trabalho procediam dele; aqui é o movimento das máquinas que ele tem que acompanhar. Sendo assim, a classe trabalhadora assalariada é a mais alienada de toda a história humana.

A solução que Marx pensou para esse problema envolve o que ele denomina desalienação e será o tema do próximo capítulo. Pela desalienação o homem será capaz de se libertar dessa situação de escravo e poderá alcançar a liberdade. Terá assim consciência do seu trabalho, de si mesmo e do outro. Construindo uma sociedade diferente, na qual todos são livres para construir seu próprio modo de viver.

4 DESALIAÇÃO

O capítulo anterior afirmou que, para Marx, alienado é todo aquele que tem o seu trabalho roubado de si. É no processo do trabalho alienado que o homem perde consciência de si, do fruto do seu trabalho e do seu semelhante. Este capítulo estudará, baseando-se no Manifesto Comunista, o processo de desalienação.

Do mesmo modo que a alienação, a desalienação também se dá no trabalho. Para o homem se desalienar, ou seja, para alcançar o estado de autonomia, ele precisa mudar, não apenas o seu modo de produzir, mas também o que produz. O trabalho deve manifestar a liberdade, ou seja, a realização do sujeito.

É preciso entender que, para Marx, o problema não está apenas no modo de produção, mas, também, no que o homem produz. Sendo assim, se o trabalhador, mesmo tendo liberdade para produzir, restringir o seu trabalho apenas para suprir suas necessidades, ele ainda será alienado. Pois, desse modo, ele se iguala aos animais. Estará negando, assim, a sua capacidade de criar e inovar. Nesse sentido, ressalta-se:

Sem dúvida, os animais também produzem. Eles constroem ninhos e habitações, como no caso das abelhas, castores, formigas, etc. Porém, só produzem o estritamente indispensável a si mesmo ou aos filhotes. Só produzem em uma única direção, enquanto o homem produz universalmente. Só produzem sob a compulsão de necessidade física direta, ao passo que o homem produz quando livre de necessidade física e só produz, na verdade, quando livre dessa necessidade. Os animais só produzem a si mesmos, enquanto o homem reproduz toda a natureza. Os frutos da produção animal pertencem diretamente a seus corpos físicos, ao passo que o homem é livre ante seu produto. Os animais só constroem de acordo com os padrões e necessidades da espécie a que pertencem, enquanto o homem sabe produzir de acordo com os padrões de todas as espécies e como aplicar o padrão adequado ao objeto. Assim, o homem constrói também em conformidade com as leis do belo. (MARX, 1983, p.117).

Pode-se entender, então, que o conceito de desalienação vai muito mais além do que a simples liberdade para produzir. O homem, no seu trabalho, precisa demonstrar autonomia e criatividade. Pela música, pela pintura, pela arte em si, o homem produz e reproduz a sua história e demonstra, assim, o que venha a ser a liberdade, ou seja, a desalienação. Dessa maneira, o homem constrói o seu próprio mundo.

Porém, para o trabalhador assalariado construir o seu próprio mundo ele precisa tomar consciência da alienação que lhe assola. Esse é o primeiro passo para a liberdade, pois depois que ele atina para esse mal, passa a pensar em como vencê-lo.

Para Marx, isso acontece quando o trabalhador passa a fazer parte de um partido político, que venha defender os seus direitos e o torne consciente dos seus deveres. É pelo partido que o proletariado deixa de ser uma classe em si e passa a ser uma classe para si.

Por isso é que Karl Marx clama todos os trabalhadores do mundo à união pela revolução, pois é pela revolução que eles podem alcançar a liberdade. É pela revolução que eles podem superar o capitalismo. Dessa maneira, pode-se afirmar que temos, assim, em Marx, o encontro da ciência com a política.

No Manifesto comunista, Marx afirma que o primeiro passo na revolução operária é a elevação do proletariado à classe dominante, a conquista da democracia. Assim, ela vai poder dominar o capital e fazer as transformações necessárias.

O proletariado utilizará seu domínio político para arrancar pouco a pouco todo o capital à burguesia, para centralizar todos os instrumentos de produção nas mãos do estado, ou seja, do proletariado organizado como classe dominante, e para aumentar o mais rapidamente possível a massa das forças produtivas. (MARX; ENGELS, 1990, p. 86).

Marx não fala de uma simples reivindicação, mas em revolução, se preciso armada. E essa revolução não deve atingir apenas um nível da sociedade, mas todas as suas esferas. Outro ponto importante é que a revolução não deve acontecer apenas em uma sociedade, ela deve se estender para todo o mundo.

Os comunistas recusam-se a ocultar suas opiniões e suas intenções. Declaram abertamente que seus objetivos só podem ser alcançados com a derrubada violenta de toda a ordem social até aqui existente. Que as classes dominantes tremam diante de uma revolução comunista. Os proletários nada têm a perder nela a não serem suas cadeias. Têm um mundo a ganhar. (MARX; ENGELS, 1990, p. 99).

Esta revolução foi chamada de revolução do proletariado, pois pretendia acabar com as divisões de classe, e com o sistema capitalista opressor, até chegar ao comunismo, que é o estado em que segundo Marx, todas as alienações seriam

superadas. Até mesmo a política desapareceria, pois, para Max, a política é um poder concentrado na mão de uma classe para opressão de outra.

Quando as diferenças de classes desaparecerem no curso do desenvolvimento e toda a produção concentrar-se nas mãos dos indivíduos associados, o poder político perderá o seu caráter político. O poder político propriamente dito é o poder organizado de uma classe para a opressão de outra. Se na luta contra a burguesia o proletariado é forçado a organizar-se como classe, se mediante uma revolução torna-se a classe dominante e como classe dominante suprime violentamente as antigas relações de produção, então suprime também, juntamente com essas relações de produção, as condições de existência dos antagonismos de classe, as classes em geral e, com isso, sua própria dominação de classe. (MARX; ENGELS, 1990, p. 87).

Por isso, Marx, juntamente com o seu amigo Engels publica o Manifesto Comunista para servir de plataforma da Liga Comunista, associação de operários que no princípio era exclusivamente alemã e que, mais tarde, tornou-se internacional. Redigido em alemão, em janeiro de 1848, o Manuscrito foi enviado ao editor de Londres, poucas semanas antes da revolução francesa de 24 de fevereiro.

No Manifesto comunista Marx, afirma que, somente pela revolução, o trabalhador alcançará as suas reivindicações mais necessárias. E não só isso, conquistará a supremacia política, adquirindo, assim, tudo que lhe foi roubado através da história, até mesmo uma pátria.

Os trabalhadores não têm pátria. Não podemos tomar deles aquilo que não possuem. Como o proletariado pretende adquirir a supremacia política, tornar-se a classe dirigente da nação, tornar-se a própria nação, é nesse sentido, ele mesmo nacional, embora não no sentido burguês da palavra. (LASKI, 1978, p. 110).

Essa assertiva serviu para defender o proletariado da acusação de que queriam abolir a pátria e a nacionalidade. Aliás, não eram poucas as acusações injuriosas que eram lançadas sobre os partidos do proletariado. Mas isso não impediu o sucesso do Manifesto Comunista. Ao contrário, cada vez mais esse valioso escrito ia ganhando força pelo mundo.

O Manifesto Comunista tornou-se o programa dos revolucionários socialistas. Nele estavam contidas todas as informações necessárias para que outros partidos se organizassem pelo mundo. E foi exatamente isso que aconteceu. Ele se espalhou por muitas nações, de modo que várias sociedades puderam conhecer as ideias de

Marx. No livro sobre o Manifesto Comunista, Harold J. Laski relata como se deu a propagação dessas ideias.

Assim, o manifesto propriamente dito tomou novamente a dianteira. Desde 1850, o texto alemão fora editado várias vezes na Suíça, na Inglaterra e na América do Norte. Em 1872 foi traduzido para o inglês, em Nova York, sendo publicado no *Woodhull ande Claflin's Weekly*. Da versão inglesa foi feita a francesa, que surgiu no *Le Socialiste* de Nova York. Desde então publicara-se mais duas traduções inglesas na América, mais ou menos incompletas, e uma delas foi editada na Inglaterra. A primeira tradução russa, da autoria de Bakunin, foi publicada na gráfica Kolokol, de Herzen, em Genebra, por volta de 1863; a segunda, pela heróica Vera Zasulich, também foi publicada em Genebra, em 1882. encontra-se uma edição dinamarquesa no *Social demokratisk Bibliothek*, de 1885, em Copenhague e uma francesa no *Le socialiste*, de 1886, em Paris. Dessa última publicou-se uma versão espanhola, em 1886, em Madri. Perdeu-se a conta das edições alemãs; houve pelo menos doze delas. Eu soube que uma tradução armênia, que deveria ser publicada em Constantinopla há alguns anos atrás, não se verificou porque o editor teve medo de publicar um livro que levasse o nome de Marx e o tradutor recusou divulgá-la como obra sua. Já ouvi falar de outras traduções em outras línguas, embora não as tenha visto. Portanto, a história do Manifesto reflete, em grande parte, a história do movimento operário moderno; atualmente é, sem dúvida, a obra socialista, o programa comum adotado por milhões de trabalhadores, da Sibéria à Califórnia. (LASKI, 1978, p. 89).

Essas informações já são suficientes para afirmar que, para Karl Marx, a desalienação acontece no processo do trabalho, quando o trabalhador assalariado toma consciência de tudo que lhe é roubado. E que não adianta apenas tomar consciência, para se desalienar, de fato, o trabalhador precisa lutar juntamente com outros trabalhadores até que essa luta se espalhe por todo o mundo.

A luta dos trabalhadores tem como objetivo primeiro a tomada de poder, que é chamada de “ditadura do proletariado”. Assim, o partido do proletariado tomaria posse de todos os meios de produção, fazendo com que a exploração do trabalhador seja vencida.

Essa luta terminaria apenas com o comunismo. O comunismo, na verdade, foi o principal sonho de Marx e de seu amigo Engels. No comunismo, todas as diferenças, todas as explorações e todas as alienações seriam superadas.

O trabalhador, enfim, se tornaria um homem livre para construir um mundo que fosse verdadeiramente seu. Sua família, seus negócios, todas as suas investidas brotariam de sua vontade. O Homem, de fato, poderia ser chamado de homem livre, um ser autônomo, consciente de si mesmo. E não mais uma marionete nas mãos de outros homens.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou uma síntese do pensamento do filósofo Karl Marx sobre o fenômeno da alienação. No princípio do primeiro capítulo foi afirmado que desde jovem ele era bem quisto pelos seus amigos, devido a sua inteligência e pela sua capacidade de pensar e inquirir a sociedade da época. Por isso, pode-se afirmar que desde cedo o problema da alienação o incomodou.

Marx acreditava que aquela situação, na qual o homem era impedido de desenvolver suas potencialidades, deveria chegar ao fim. Uma nova formação social deveria surgir, na qual os homens pudessem desenvolver plenamente todas as suas capacidades, fossem elas no campo da arte, da ciência, ou mesmo do amor.

Foi esclarecido, também, que para ele, o comunismo era o estágio da sociedade onde não mais haveria exploradores e explorados, onde a exploração do homem pelo homem tivesse chegado ao fim. O homem, a sociedade e a natureza viveriam, assim, em harmonia. Dessa maneira, o sonho do homem integral estaria realizado.

Karl Marx acreditava, piamente, ser este o futuro da humanidade, por isso doou a sua vida inteira para conseguir acelerar esse processo, que para ele, era natural. Mas, como é possível perceber, apesar dos muitos benefícios que o seu pensamento conquistou para os trabalhadores, e para a sociedade em geral, o projeto dele não se realizou.

Infelizmente, é possível perceber que o problema da alienação está mais acentuado na sociedade contemporânea. Hoje, as pessoas estão mais alienadas que antes. Os detentores do poder evoluíram e desenvolveram uma nova forma de impor suas vontades e suas regras de vida, por meio das novas mídias, especialmente as visuais.

É pela mídia que as grandes empresas impõem suas regras. Pela propaganda, elas decidem o que as pessoas devem comer, beber e vestir. Esse fenômeno é mais forte para os jovens, que ao buscar uma identidade a encontram nas marcas multinacionais.

Isso possibilita que a juventude se torne extremamente fútil e superficial. Refletir sobre a vida não está nas suas ocupações diárias, muito menos pensar sobre suas obrigações e sobre seus direitos. A mídia faz isso para ela. Com isso, o jovem se endivida e se torna escravo dos cartões de crédito. A mídia consegue que

ele gaste um dinheiro que ele não tem, para comprar algo que ele não precisa, para aparecer bem diante de quem ele não gosta.

Essa constatação é triste, porém verdadeira. É possível acreditar que é a mais difícil de vencer, pois, a cada dia, o jovem, e o ser humano em geral, estão deixando sua identidade humana para se tornar um consumidor, fútil e totalmente alienado.

Nesse sentido, pode-se acreditar que a ideia de comunismo de Karl Marx quase não tem espaço nessa realidade, pois a alienação está tão acentuada que falar em comunismo soaria como Dom Quixote lutando contra seus moinhos de vento.

REFERÊNCIAS

BEDESCHI, Giuseppe. **Marx**. Lisboa: Edição 70, 1989.

CARMO, Maria Izabel Mazini do. **As condições da classe operária à época da Revolução Industrial**. 2009. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/nec/materia/grandes-processos/condi%C3%A7%C3%B5es-da-classe-oper%C3%A1ria-%C3%A0-%C3%A9poca-da-revolu%C3%A7%C3%A3o-industrial>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1980. (Coleção Primeiros Passos).

DUARTE, Rodrigo A. de Paiva. **Marx e natureza em o Capital**. São Paulo: Loyola, 1986. (Filosofia, 4).

FAUSTO, Ruy. **Marx: lógica e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987. v. 2.

FROMM, Erich. **Conceito marxista do homem**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1962. (Bibliotecas de Ciências Sociais).

GIANNOTTI, José Arthur. **Marx**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores).

HARNECKER, Marta. **Os conceitos elementares do materialismo histórico**. 2. ed. São Paulo: Global, 1983. (Coleção Bases, 36).

LASKI, Harold J. **O manifesto comunista de Marx e Engels**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

LÓPEZ TRUJILLO, Afonso. **Liberção e marxista e liberção cristã**. Rio de Janeiro: Agir, 1977.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2006. (Coleção a Obra-Prima de cada autor).

KARL, Marx. **Marx: biografia**. Lisboa: Edições Arante, 1983.

MARQUES, Ramiro. **A ética de Karl Marx (1818-1883)**. 2000. Disponível em: <http://www.eses.pt/usr/ramiro/docs/etica_pedagogia/A%20%C3%89TICA%20DE%20KARLMARX%5B1%5D.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2013.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1990. (Clássicos do Pensamento Políticos).

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Sobre a religião**. 2. ed. Lisboa: Edição 70, 1972.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de filosofia: (A - D)**. São Paulo: Loyola, 2001. v.1.

SINGER, Paul. **Uma utopia militante**: repensando o socialismo. Petrópolis: Vozes, 1998.

SODRÉ, Nelson Verneck. **Fundamentos da estética marxista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. (Perspectivas do homem).

SOBRAL, Fábio. **A concepção circular de homem em Marx**: um estudo a partir dos Manuscritos Econômicos Filosóficos de 1844. São Paulo: Nojosa Edições, 2005.

SPINDEL, Arnaldo. **O que é o comunismo**. 18. ed. São Paulo: Brasiliense, 1980. (Coleção Primeiros Passos, 2).

WORSLEY, Peter. **Marx e o marxismo**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1983.